

Sobre Artes

J. Roberto Whitaker Penteadado

A cada minuto nasce um trouxa. - David Hannum

Julian Lloyd Webber é um ótimo violoncelista inglês, nascido em 1951, cuja fama foi meio eclipsada pela do irmão mais velho, Andrew, autor de uma série de produções musicais de extraordinário sucesso, como Jesus Cristo Superstar, Cats, Evita e O Fantasma da Ópera. Ambos são filhos de outro músico erudito, William, cuja música acabou sendo redescoberta, recentemente, em função da prole famosa.

Trago Julian ao artigo, contudo, não pela virtuosidade musical, mas pelo que ele falou – ou escreveu – diante do fórum internacional, que se realiza anualmente na cidade de Davos, Suíça, a respeito do declínio sofrido, em escala mundial, pela música que chamam de clássica. (O texto pode ser encontrado em <http://www.churchill-society-london.org.uk/JLWDavos.html>)

Resumindo, o que disse J.L.W. foi mais ou menos o seguinte: a partir das experiências dodecafônicas e de outros movimentos desestruturantes do início do século passado – quando palavras como harmonia e tonalidade foram relegadas ao porão, pela nova intelectualidade musical - as pessoas simplesmente deixaram de ouvir música clássica contemporânea e passaram a ouvir a música antiga, de Vivaldi e Mozart, ou a música popular, da Bossa Nova, dos Beatles ao U-2, que não tinham dessas frescuras de temer o sucesso. Com isso, praticamente não surgiram nomes novos, no setor, depois de Richard Strauss (nascido em 1864) ou Prokofiev (1891).

Quem leu o meu artigo da semana passada (Paranóia ou Mistificação?) terá lembrado de um artigo homônimo de Monteiro Lobato, publicado no Estadão há quase 100 anos, no qual ele alertava contra a perigosa modernidade intelectual que ameaça, também, hoje, as artes visuais.

Um episódio ocorrido em Fortaleza, na semana passada, foi sintomático. Um jovem artista local inventou uma exposição de um “renomado artista japonês”, com o improvável nome de Souzousareta Geditjutsuka sobre o tema da “harmonia entre a natureza, que nasce e morre, empregando equipamento tecnológico na abordagem da discussão em torno da fragilidade da vida e suas conseqüentes contradições” – tradução livre do (falso) japonês Geijitsu kakuu.

Em outras palavras: nada – como muita coisa que vem ao mundo embalada em teses de mestrado e doutorado, nas universidades brasileiras, calcada nos exemplos de grandes instituições européias de reconhecida tradição, inclusive de malandragem...

Recentemente, entrevistei um professor do MIT, com o igualmente improvável mas verdadeiro nome de Christopher Csikszentmihalyi – para a Revista da ESPM – que me garantiu que todo trabalho científico tem bases ideológicas - simplesmente nada é descompromissado e que - nos EUA – corre o rumor de que a C.I.A. teria financiado o expressionismo abstrato, nas artes...

Improvável, talvez. Mas não muito mais do que a exposição que não aconteceu, em Fortaleza, do tal consagrado - e inexistente - artista japonês.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Sobre Artes. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteadado**, Rio de Janeiro, jan. 2006. Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=210&ID=313>>. Acesso em: 18 ago. 2009.